

ELEIÇÕES NO BRASIL EM 2018: DISCURSOS E PRÁTICAS DA VIOLÊNCIA

Israel Aparecido Gonçalves¹
Aline Prado Atássio²

Resumo: Este artigo versa sobre os discurso e práticas de violência realizadas na campanha presidencial de 2018, com apoio dos militares na campanha eleitoral na qual Jair Messias Bolsonaro saiu vitorioso. Foram reunidas matérias de jornais, obras e artigos científicos que abordam a temática pesquisada. O apoio dos militares e os discursos proferidos pelo eleito provocaram um clima tenso no processo político e consequentemente estimulou atos de violências.

Palavras chaves: Violência. Militares. Eleições.

ELECTIONS IN BRAZIL IN 2018: DISCOURSES AND PRACTICES OF VIOLENCE

Abstract: This article deals with the discourse and practices of violence carried out in the 2018 presidential campaign, with the support of the military in the electoral campaign in which Jair Messias Bolsonaro emerged victorious. Newspapers, works and scientific articles that address the researched topic were gathered. The support of the military and the speeches made by the elect caused a tense atmosphere in the political process and consequently stimulated acts of violence.

Keywords: Violence. Military. Elections.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a utilização do discurso da violência e ódio e o apoio dos militares e a nas eleições de 2018, no Brasil. Devido à sua natureza teórica, a metodologia deste artigo é a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de fontes primárias, como os jornais e revistas são considerados. A escolha por este tipo de metodologia envolve a busca por um “processo intrinsecamente inacabado e permanente” (MINAYO, 1994, p. 23).

Pelo intuito de se posicionar diante da natureza dos conjuntos arquivísticos, este trabalho demanda a aproximação histórica para com os seus conceitos fundamentais. Tal

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Ciência Política pela UFSCar. Faz parte dos grupos de pesquisas: Laboratório de História das Interações Políticas e Institucionais, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e do Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC) da (UFSC). ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8462-8724>. E-mail: educa_isra@yahoo.com.br.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8065-1724>. E-mail: alineatassio@yahoo.com.br.

posicionamento amplia a visão do campo ao apresentar os dilemas de suas distintas abordagens. Por isso, a construção desse instrumental incita a reflexão sobre os processos de construção de discursos, em especial do discurso da violência, com participação das Forças Armadas, instituição de Estado.

Sendo assim, o estudo bibliográfico identifica o que foi produzido pela mídia e pela campanha presidencial de Jair Messias Bolsonaro. O mapeamento das fontes é definido por Vanti (2002) como diagnóstico da estrutura do conhecimento numa abordagem bibliográfica que será qualitativa, neste texto.

Nesse sentido, a metodologia deste artigo perpassa a identificação das fontes seguindo a trajetória epistemológica das matrizes estruturante e desestruturante da formação de discurso. Isso significa observá-lo a partir dos mecanismos que orientaram suas origens.

Segundo Gil (1994), a pesquisa bibliográfica possibilita agenciar informações essenciais para definir o quadro conceitual do objeto. Porém, muitas vezes esta metodologia é superficialmente caracterizada enquanto mera “revisão de literatura”. Essa maneira fortuita de pensá-la suplanta seu significado real, obscurecendo um conjunto criterioso de procedimentos verificáveis. A fim de não ceder a esse equívoco, Kumar (2005) afirma que se deve garantir uma escolha da bibliografia partindo de um universo que represente o estado da arte da temática, tanto em sua abrangência quanto em seu significado efetivo.

Desta forma, jornais, revistas, sites e blogs aparecem como a matéria-prima perfeita para uma análise do cenário que envolve o imaginário político-social no pleito de 2018.

2 DISCURSO DE VIOLÊNCIA: O ÓDIO COMO MOTIVAÇÃO POLÍTICA

O discurso de violência e ódio é definido como toda aquela fala e posicionamento político externalizado, de maneira oral ou escrita, que incita práticas e outros discursos racistas, machistas, classistas, misóginos ou que preguem preconceito religioso e ainda que condenem a sexualidade ou a identidade de outrem. A força da violência verbal é entendida como uma ação potencial, tendo em vista que o discurso é também uma ação social (AUSTIN, 1990).

Austin (op.cit, p. 7) afirma que nem todo discurso ou declaração tem por objetivo “descrever um estado de coisas ou declarar um fato, o que deveria fazer de modo verdadeiro ou falso”. Segundo o autor, os discursos podem ser prescrições de comportamento, indicação de como a declaração deve ser entendida, ou seja, ação. O autor denomina essas declarações de performativas, sendo a performance no sentido de executar ou agir, tal qual o verbo em inglês propõe (to perform).

A principal característica das declarações performativas é que elas não se submetem a dicotomia valorativa “verdadeiro-falso” (CINTRA, 2012), pois a declaração performativa não representa nada, ela é um ato e isso por si só garante sua existência e sua justificativa.

Austin desenvolve ainda a teoria do ato da fala. Essa teoria afirma que o proferimento de um discurso vai além da própria fala, pois engloba todo um contexto, ou seja, a situação total em que o discurso é proferido. A linguagem, desta forma, não é uma mera representatividade. Ela possui capacidade de transformação do mundo, de intervenção, de ação material.

Sendo assim, entendemos que toda fala causa um efeito. Toda declaração é passível de consequências. Tendo em vista o contexto político e social do Brasil no período analisado, é legítimo considerar que os discursos da campanha do presidencialismo tinha destino e objetivos certos.

3 O ENREDO DE 2018

Nossa análise começa com a campanha que levou à vitória, no segundo turno, de Jair Messias Bolsonaro, do partido Social Liberal (PSL). As campanhas eleitorais iniciaram oficialmente no 15 de agosto e terminaram dia 28 de outubro de 2018, e o pleito foi marcado por discursos polarizados, tendo sido o vencedor aquele que pregava valores representativos da direita (BOBBIO, 1995) dentre eles o discurso do armamento da população para defesa pessoal e o da garantia da ordem, da família, da pátria, da religião.

Essa guinada à direita no Brasil vem ocorrendo desde as eleições de 2014 (LÖWY, 2015) e demonstra mudança na leitura da sociedade em relação ao cenário político. Amparado pela Operação Lava-Jato, o combate à corrupção tornou-se novamente um mote no discurso político brasileiro, em especial da direita em ascensão.

É por esse motivo que, tanto o apoio ostensivo de militares quanto o discurso da violência e ódio ganharam destaque nessa eleição e merecem uma análise mais cuidadosa. A saber, candidatos que disputaram o pleito de 2018 foram: Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB), Jair Bolsonaro (PSL), João Amoêdo (NOVO), João Goulart Filho (PPL), José Maria Eymael (DC), Marina Silva (REDE) e Vera Lúcia (PSTU).

Jair Bolsonaro (PSL), venceu no segundo turno o candidato Fernando Haddad (PT). A vitória foi impactante para a história política do Brasil e o cientista político Leonardo Avritzer (2019) afirma que a entrada de Bolsonaro na presidência põe fim à Nova República.

Como lembram Moura e Cobellini (2019), Bolsonaro, meses antes de iniciar a campanha eleitoral, não tinha apoio dos partidos tradicionais e o próprio candidato era um desconhecido pelo eleitorado brasileiro, mesmo com quase três décadas no parlamento, pelo Rio de Janeiro (RJ). Apesar de conhecido no meio militar, nada apontava que o ex-capitão era uma unanimidade, sendo desconhecido também pela maioria da tropa. No entanto, Bolsonaro transitava bem entre os grandes oficiais. Segundo Pierro Leirner em entrevista à FERRAZ (2020, s.p)

Dias após o segundo turno que reelegeu Dilma Rousseff, Bolsonaro foi à formatura dos cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras e fez um discurso se lançando candidato em 2018. Saiu de lá aclamado como "líder!". Esse tipo de ato só é possível se houver autorização do comandante da Academia. E, como Bolsonaro repetiu a visita em 2015, 2016, 2017 e 2018, posso afirmar que ele contou com o conhecimento do Comandante do Exército e com o descaso dos Ministros da Defesa e dos Presidentes da República.

De acordo com a legislação eleitoral brasileira, a coligação de Bolsonaro "Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos" (PSL e PRTB), tinha pouco tempo de TV. Além disso Bolsonaro só compareceu a dois debates no primeiro turno e não compareceu a nenhum debate no segundo (PADIGLIONE, 2018).

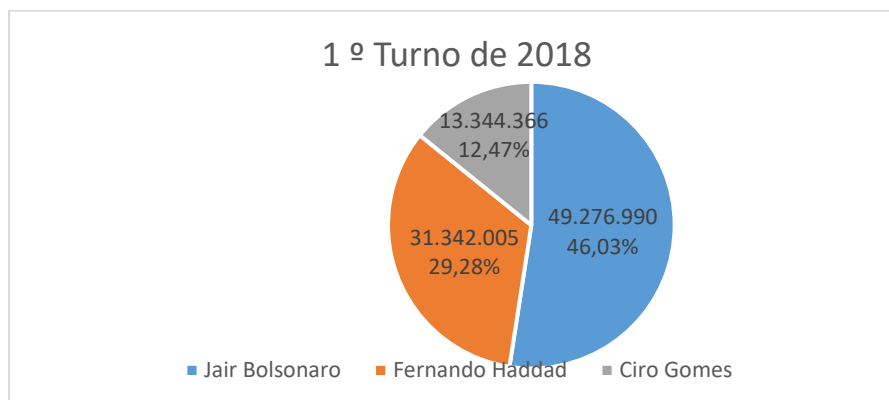
A ausência nos debates do presidencialista na grande mídia não significou falta de diálogo com seus apoiadores. Bolsonaro optou por dialogar com seus eleitores via as redes sociais (Facebook, Instagram, com destaque para o Twitter). Nessa comunicação, Bolsonaro expressa sua estratégia.

Ele criou o “nós contra eles” (STANLEY, 2019), ou seja, os seus eleitores contra os outros, em especial contra os petistas. Na comunicação com seus eleitores, expressões ligadas à violência e ao ódio eram explícitas no discurso de Jair Bolsonaro, fazendo apologia ao porte de arma, à misoginia, ao racismo, à homofobia e demonstrando preconceito contra os nordestinos e contra outros grupos que tinham opinião contrária a ele. Neste cenário, orlas conservadoras já instaladas na sociedade apareceram para explicitar suas ideologias, como os fascistas e os neonazistas (LÖWY, 2015).

Avritzer (2019), Corbelini e Moura (2019) e Schwarcz (2019) interpretam as eleições de 2018, sobre a ótica de nossa história política e social e lançam luz ao enredo histórico do autoritarismo e das estratégias de discurso de Bolsonaro.

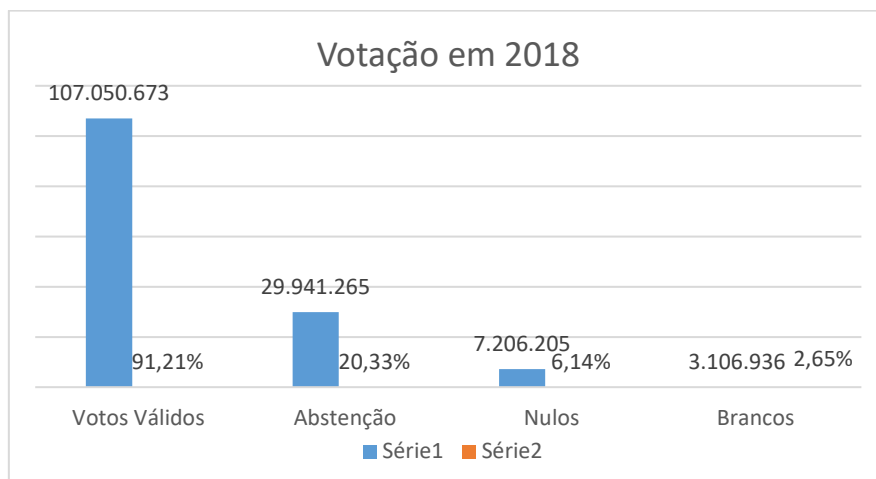
No primeiro turno da eleição, em 07 de outubro de 2018, o resultado é o seguinte:

Gráfico 01



Fonte: TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (2018)

Gráfico 02



Fonte: TRIBUNAL SUPERIOR LEITORAL, 2018

Este cenário político brasileiro refletiu uma onda internacional de governos à direita. Os analistas D'Ancona (2018), Levitsky e Ziblatt (2018) e Runciman (2018) já indicavam o perigo que os discursos autoritários fazem para a democracia, em especial a norte-americana e no Brexit. Stanley (2019) também contribui com uma crítica contundente ao indicar o ressurgimento de um “protofascismo” nos EUA. Segundo o mesmo autor nem um analista sério pensava que Donald Trump seria eleito presidente dos EUA. Também em países como Inglaterra, Índia, Rússia e Nicarágua, a extrema direita política foi vitoriosa. Isso significa menor tolerância aos imigrantes ou a outros grupos, caracterizando no seu extremo pela xenofobia.

A extrema direita pode ser caracterizada pela intolerância a diversidade cultural, buscando em uma tipologia racial e/ou gênero um grupo de pessoas que poderiam ser consideradas inferiores ou inimigas do Estado ou da ordem. Assim a direita vem assumindo um papel de destaque na Europa e na América Latina. Não necessariamente por conquistar o poder do Estado, mas por conseguir agregar um número de votos o suficiente para ir a um segundo turno ou manter-se como uma forma política ou social (LÖWY, 2015).

O discurso agressivo é uma ação violenta contra os grupos referidos acima, portanto, violam os direitos humanos. Ações afirmativas e políticas de inclusão social são diretamente afetadas com o discurso de ódio.

4 OS MILITARES COMO PARTE DO PLANO DE GOVERNO

Se não aparecem como parte do plano de governo explicitamente, em seu de campanha Bolsonaro já deixava claro que desejava militares apoiando sua presidência. Segundo o jornalista Gil Alessi, em 2017, durante visita à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Bolsonaro teria acenado aos militares:

Em rápido discurso, Bolsonaro aproveitou para fazer campanha: “Parabéns para vocês. Nós temos que mudar este Brasil ok? Alguns vão morrer pelo caminho, mas estou disposto a, em 2018, seja o que Deus quiser, tentar jogar este Brasil para a direita. O nosso compromisso é dar a vida pela pátria, e vai ser assim até morrer” (ALESSI, 2017).

Bolsonaro tem intimidade com os militares, com seus valores e imaginário³. Ele mesmo é um ex-tenente que se tornou capitão ao sair precocemente da ativa, após processo interno à Justiça Militar, acusado de planejar o uso de explosivos dentro da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) dentre outras unidades militares. Foi inocentado, mas não deixou boa impressão entre todos dos altos escalões das Forças Armadas da época. Segundo o livro de entrevistas do ex-ditador, presidente do Brasil durante os anos de 1974 a 1979, publicado por Celso Castro e Maria Celina D’Araújo (1997), Geisel afirmou: “Presentemente, o que há de militares no Congresso? Não contemos o Bolsonaro, porque o Bolsonaro é completamente fora do normal, inclusive um mau militar”.

Um ano antes, em 1986, Bolsonaro havia cumprido 15 dias de prisão por assinar reportagem para a Revista Veja, declarando-se revoltado com os soldos dos militares. Jarbas Passarinho apud Nogueira (2018), tenente-coronel que depois assumiu carreira política, inclusive durante o regime militar, afirmou em entrevista que Bolsonaro:

“Já tive com ele aborrecimentos sérios. Ele é um radical e eu não suporto radicais, inclusive os radicais da direita. *Eu não suportava os radicais da esquerda e não suportava os da direita. Pior ainda os da direita, porque só me lembram o livrinho da Simone de Beauvoir sobre “O pensamento de direita, hoje”*: “O pensamento da direita é um só: o medo”. O medo de perder privilégios. (...) Ele irrita muito os militares também, porque quando está em campanha, em vez de ele ir ao Clube Militar, como oficial, ele vai pernoitar no alojamento dos sargentos (risos). Pra ganhar a popularidade

³ Neste trabalho *imaginário* é compreendido como o conjunto de signos, símbolos, ideias, mitos e ícones resultantes de discursos e práticas sociais. “Imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende o mundo e o elabora, sendo que ela dispõe de diferentes graus de imagem à sua disposição” (Durand. In: Sintoni, 1999).

dele. Quando eu fui ministro da Justiça, recebi a visita de uma viúva de um brigadeiro de quatro estrelas. Ela era pensionista, portanto. Sabe que a pensão dela, naquela ocasião, no governo Collor, era o que um cabo recebia na ativa? O Collor me autorizou a tentar fazer uma modificação daquilo, pra ter pelo menos um pouco mais de dignidade. Ele (Bolsonaro) me viu fazendo isso. Ficou calado, veio com a esposa dele lá do Rio (de Janeiro), e em seguida ele foi pra tribuna e deu aquilo como projeto de lei dele. Por aí tu vê qual é a pessoa. (...) Foi mau militar, só se salvou de não perder o posto de capitão porque foi salvo por um general que era amigo dele no Superior Tribunal Militar (STM). O ministro (do Exército), que era o Leônidas (Pires Gonçalves), rompeu com esse general por causa disso (em 1986, Bolsonaro liderou um protesto pelo aumento do soldo dos militares). Ele começou a se projetar quando aluno da escola de aperfeiçoamento de capitães. Deu uma entrevista falando dos baixos salários que nós recebíamos” (NOGUEIRA, 2018, grifos do autor).

No entanto, as vivandeiras da ditadura, seguiram pedindo intervenção militar, dentro e fora da caserna. Dentro, parte de militares da reserva e da ativa, uniram-se a Bolsonaro em sua campanha, que usou a sua proximidade com os militares por todo o período como fiança de que seu governo seria embasado em valores caros à classe média brasileira como família e religião, além de ser um aval para o combate à corrupção.

Apesar de todo a sorte de atrocidades cometidas durante o regime militar, a instituição Forças Armadas ganhou prestígio na sociedade nos últimos 30 anos. Apoiadas no desconhecimento popular sobre o que de fato foram os 21 anos de regime militar no Brasil, os militares são vistos como baluarte da moralidade e lisura, e assim a instituição mais indicada para combater o novo inimigo da nação: a corrupção.

Ainda afeitos ao discurso antimarxista e anticomunista, Bolsonaro e os militares uniram-se contra esse inimigo interno inexistente: o marxismo cultural. Amparados pelas teorias de Olavo de Carvalho, um astrólogo que se auto-intitulou filósofo e passou a disseminar seus cursos doutrinadores de extrema-direita, dentro das academias militares. Segundo o professor da UFRJ, Eduardo Costa Pinto, Olavo de Carvalho, “guru do bolsonarismo” já disseminava na caserna, há quase 30 anos, as ideias, não originais, mas tiradas do ultraconservadorismo americano, como o conceito de guerra de quarta geração, de William Lind (KLEIN, 2020). Em uma sociedade avassalada pela Operação Lava-Jato, o apelo ao “novo” ou ao retorno dos “corretos” representado pelos militares, foi um sopro de esperança para aqueles que, menos afeitos à política, ignoravam quem de fato era Bolsonaro.

Atualmente, o governo Bolsonaro conta com mais de 3 mil militares, entre ativos e reserva, nos seus quadros (COSTA PINTO, 2020). Podemos dizer que a utilização dos militares pelo Bolsonaro surtiu efeito e, não obstante ser eleito com menos da metade da votos da população votante, que anulou em massa o voto, o capitão chega à presidência, unido a oficiais de alta patente. A propaganda deu certo. As palavras são ações efetivas.

5 A VIOLÊNCIA COMO DISCURSO

As eleições de 2018 foram marcadas pelas postagens nas redes sociais, com destaque para o Facebook, Twitter e o Whatsapp que concentraram o maior número de compartilhamentos. O Twitter passou a ser uma espécie de porta voz do candidato Jair Bolsonaro.

Conforme entrevista feita no programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 31 de setembro de 2018, Bolsonaro quer reduzir ou eliminar as vagas para cotas de negros em universidades públicas. Respondendo a uma questão no programa citado, Bolsonaro afirma "se for ver a história realmente, os portugueses nem pisavam na África, eram os próprios negros que entregavam os escravos" (BOLSONARO..., 2018). Já na matéria do jornal "El País" Bolsonaro faz declarações machistas e racistas, segundo o jornal.

Jair Bolsonaro, declarações machistas, racistas e de ódio a minorias que, nas palavras do deputado, devem "se curvar às maiorias" ou serão "esmagadas". O militar reformado já afirmou na tribuna da Câmara, microfone aberto, que não estupraria a colega Maria do Rosário (PT-RS) porque ela "não merece" e declarou, em entrevista à revista Playboy, que seria incapaz de amar um filho homossexual: "Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí", completou (O QUE BOLSONARO..., 2018, grifos do texto).

Lago, Lima e Filgueira assinam o artigo "Bolsonaro, o candidato fake", publicado na revista "Isto é", do dia 10 de agosto de 2018. Na matéria os autores indicam que Jair Bolsonaro:

Quanto mais o ex-capitão do Exército se expõe, mais ele se revela um engodo. Falseia a história brasileira, minimizando o drama da escravidão, ao tentar atribuir aos próprios africanos o comércio de escravos, relativiza também a ditadura militar, o uso da tortura e de outros expedientes bárbaros do regime, apostando na curta memória do seu eleitorado majoritariamente jovem, que não testemunhou o período e, sim, mente sobre si próprio, suas convicções, declarações e comportamentos pretéritos, a fim de se tornar mais palatável a setores

do eleitorado ainda refratários a ele (LAGO; LIMA; FILGUEIRA, 2018).

A citação acima é explícita em seu posicionamento. Declara que o candidato mente e relativiza temas como tortura e sobre o regime militar.

Questionado na justiça brasileira pelas suas falas contra os negros, quilombolas, conforme em uma palestra na comunidade Hebraica, no Rio de Janeiro, na época o deputado afirmou: “Não fazem nada. Eu acho que nem para procriar ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”, posteriormente o parlamentar afirma: “Pode ter certeza de que, se eu chegar lá, não vai ter dinheiro pra ONG (...). Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí” (BOLSONARO..., 2017). O deputado foi condenado pelo Ministério Público Federal do Rio de Janeiro por danos morais a comunidades quilombolas e à população negra. O político deverá pagar uma multa de R\$ 50 mil reais declarações racistas e discriminatórias proferidas em uma palestra na capital carioca” (BOLSONARO..., 2017).

Em outra denúncia, agora na esfera Federal, o ministro Alexandre de Moraes da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal posicionou-se da seguinte forma: “rejeitar a denúncia pelo crime de racismo contra o deputado e candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL)”, por causa da inviabilidade que cada parlamentar possui. No mesmo vídeo o magistrado afirma:

Não me parece que caracterizam essas frases, por pior que tenham sido, a incitação à violência física e psicológica contra negros, refugiados e estrangeiros, o que, aí sim, caracterizaria discurso de ódio e, aí sim, estaria fora dos limites da imunidade [fala do parlamentar Moraes] (MORAES..., 2018).

Assim a denúncia sobre o crime de racismo no STF, contra o Bolsonaro não foi aceita e as suas falas continuaram a gerar polêmicas e incidir violentamente contra minorias.

Já em vídeo do dia 19 de julho de 2018, postado pela TV “Mais Goiás” no Youtube, com o título “Em Goiânia, Bolsonaro promete porte de arma de fogo para a população”, o presidenciável Jair Bolsonaro aparece ensinando a uma criança o gesto de

como se maneja uma arma. Naquele discurso Bolsonaro defende que as mulheres andem armadas para evitar o estupro. Nesse mesmo vídeo a apresentadora do canal diz que, segundo afirmação de Bolsonaro, ele não seria mais racista (EM GOIANIA..., 2018).

Uma outra característica do discurso de Bolsonaro é o antipetismo como sinônimo de virtude. Conforme o cientista político Cláudio Couto em entrevista ao jornal Huffpost do dia 14 de outubro de 2018, Couto afirma "Se o PSDB era o anti-PT, Bolsonaro é o anti-PT ao quadrado. Ele abocanhou o eleitorado que estava tucano, mas que não necessariamente era tucano". Outra forma de Bolsonaro fazer campanha segundo o cientista político é que ele "faz uso não só do discurso da violência, mas também da estética da violência em toda a sua campanha" (ROSA; IRAHETA, 2018).

Conforme as exposições feitas, as polêmicas em torno do presidencial são grandes, ele é considerado machistas, racista, homofóbico e apologistas de armas. Entretanto, ao ser acusado, ele se defende tirando fotos com negros, gays entre outros, numa tentativa de materializar uma prática e um discurso antípoda às práticas anteriores. Assim, pretendendo de certa forma reverter a imagem e os discursos contrários a ele, mantém-se como um candidato com as melhores propostas para o país.

Para o professor Piero Leirner, no artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, no dia 14 de outubro de 2018, o presidencial Jair Bolsonaro constrói essas contradições em seus discursos, não como uma falta de conhecimento ou de estratégias, mas o contrário. Há uma estratégia política nesse modelo de discursos contraditórios.

Segundo Leirner (op. cit.), a campanha de Bolsonaro tem usado métodos da área militar, pois conforme exposto neste trabalho, o vice do presidencial é um general do Exército brasileiro e poderia estar usando os seus conhecimentos em guerra na campanha política:

É parte do que tem sido chamado de 'guerra híbrida': um conjunto de ataques informacionais que usa instrumentos não convencionais, como as redes sociais, para fabricar operações psicológicas com grande poder ofensivo, capazes de 'dobrar a partir de baixo' a assimetria existente em relação ao poder constituído (SETO, 2018 s/p, grifos do autor).

Essa forma assimétrica de fazer sua propaganda política, pautado por essa chamada "guerra híbrida" tem como características a (i) mentira via Fake News, as (ii) contradições ditas pelo próprio Bolsonaro e seu vice o general Mourão. Um exemplo de

como esse método é usado na própria campanha do Bolsonaro pode ser atribuído a Paulo Guedes, indicado para ser ministro da Economia em 2019. Na época, ainda em campanha eleitoral, Paulo Guedes afirmou a volta da CPMF, depois o presidente desmentiu Guedes e afirmou que não haverá o retorno desse imposto (SETO, 2018).

As promessas fazem parte do governo Bolsonaro e, conforme afirma Austin (1990) atuam como ações complementares, que não necessitam de concretização, bastando a existência para alcançar o efeito desejado, que no caso significava abocanhar parcela do eleitorado.

Um exemplo similar a esse está no caso em que o general Mourão faz críticas ao 13º, causando polêmicas e muitas reportagens na mídia e, claro, atraindo ataques dos adversários. Todavia, em outro momento Bolsonaro desmente o seu vice na chapa e afirma que no governo dele, quem faz parte do Bolsa Família terá 13º salário. É interessante que de uma notícia impopular, que retira um direito do trabalhador, no caso o 13º, o presidente gera uma agenda propositiva e, ao mesmo tempo, consegue entrar no tema do seu adversário, na época o PT (SETO, 2018).

6 VIOLÊNCIA COMO PRÁTICA

Os atos de violência contra integrantes do MST, negros, homossexuais ou ligados ao movimento LGBT, assim como adversários políticos de ambos os partidos que estavam no segundo turno: PSL e PT aumentaram após o resultado do primeiro turno.

Desataca-se que os movimentos neonazistas já haviam se manifestado em favor de Jair Bolsonaro, em 2011 de tal forma a colaborar com o então deputado federal Jair Bolsonaro, convocando um “ato cívico” em prol do deputado. O ato foi convocado porque repercutiu de forma negativa a resposta de Bolsonaro a cantora Preta Gil que indagou: “se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?”, Bolsonaro responde: “ô, Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu” (NEONAZISTAS..., 2018b).

A repercussão de atos de violência chamou a atenção internacional e o Alto Comissariado da ONU condenou violência eleitoral no Brasil, fato inédito na Terceira República (BOND, 2018). O ato de violência com maior repercussão ocorreu no dia 06

de setembro de 2018 quando o próprio presidente Jair Bolsonaro foi esfaqueado, em Juiz de Fora, Minas Gerais (JAIR..., 2018). O autor do crime foi filiado ao PSOL entre 2007 e 2014, partido que também tinha candidato na disputa presidencial (PRAZERES, 2018). Posteriormente as investigações da Polícia Federal concluíram que o agressor tem problemas mentais (CANOFRE, 2019).

Para mapear tais atos a da Fundação Getúlio Vargas, por meio da Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP), fez uma pesquisa no Twitter dos conceitos de “violência física, ofensas e ameaças virtuais e publicações por parte de grupos como homossexuais, mulheres e negros”. Essas repercussões estavam ligadas tanto aos “perfis contrários a Bolsonaro quanto aos favoráveis” que comentavam “sobre o ataque, com críticas a atos violentos” (DIRETORIA..., 2018). O gráfico abaixo demonstra esse crescimento:

Gráfico 03

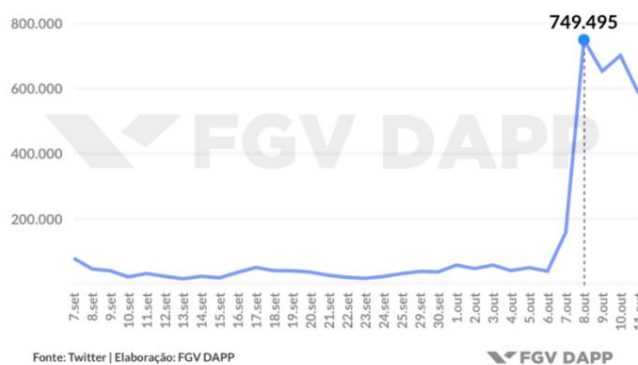


Figura: Evolução de menções sobre medo, episódios de violência física, ofensas e ameaças virtuais associadas a contexto político – 7 set. a 11 out.

Esses debates no Twitter também foram feitos no Facebook. Nessa rede social foram criados diversos Fóruns de discussão a favor e contra Bolsonaro. Para essa pesquisa importa muito considerar o Fórum Mulheres contra o Bolsonaro: primeiro, porque foi o que mais teve aderência de vários grupos feministas e de artistas, chegou a um milhão de seguidoras. Segundo, porque a administradora do grupo “Mulheres Unidas Contra

Bolsonaro”, foi agredida no dia 24 de setembro, no Rio de Janeiro por dois homens armados. De acordo com a administradora, foi uma violência cometida por apoiadores de Bolsonaro (DECLERCQ, 2018).

Outros eventos marcaram esse período com cenas de violência. No dia 08 de outubro a mídia noticiou o assassinato do capoeirista Moa do Katendê, com 12 facadas em Salvador, Bahia. O crime ocorreu depois de uma discussão política à qual Katendê expressou seu apoio à candidatura de Fernando Haddad (QUEIROGA, 2018). Os fatos foram tanto chamando a atenção da mídia em matérias como a publicada na revista Carta Capital “Violência política pró-Bolsonaro”, que expõe mais de 50 casos de violência atribuída aos defensores de Bolsonaro (COSTANTI, 2018).

Em períodos de transição ou de instabilidade política, grupos conversadores ou revolucionários, podem aparecer ora para fazer sua propaganda ou para colocar em prática seus ideais. Por exemplo, na redemocratização dos anos de 1980, “o clima político em que a sociedade estava envolvida, fragilizada, favorecia o surgimento dos “carecas” no país” (COSTA, 2000. p. 73). Tal grupo não assumia qualquer tendência ideológica, “em seu início não havia a simbologia nazista, nem preconceito racial; a ideologia era composta por poucos princípios, como o culto ao físico, à prática da defesa pessoal e postura contrária à utilização de drogas (SALEM, 1995, p. 75).

O reaparecimento dos neonazistas ficou evidente em várias matérias jornalísticas, destaca-se uma igreja de Friburgo, no Rio de Janeiro que foi pichada com os símbolos nazistas.

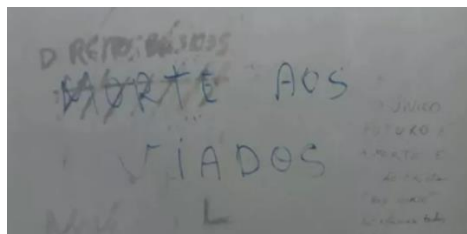
Figura 01



Fonte: AMEAÇAS..., 2018.

Já na faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pichações com frases contra gays e “viados” apareceram na faculdade (AMEAÇAS..., 2018). Conforme a Figura 02:

Figura 02



Fonte: AMEAÇAS..., 2018

A universidade chegou a publicar no 17 de outubro uma nota pública repudiando as pichações e as frases. Segundo a nota:

A UFJF, ontem, foi alvo de manifestações de ódio. As expressões “morte a todos lgbs”, “morte aos gays” e “todo o viado é lixo”, dentre outras, acompanhadas da simbólica suástica, foram escritas no banheiro do prédio onde se localiza a Reitoria. Manifestações como essas têm sido encontradas, também, em outros ambientes da Universidade.

Estes fatos não são ocasionais ou isolados. As expressões e símbolos refletem o ódio e o irracionalismo que vêm se ampliando no contexto da disputa eleitoral, estimulados por discursos pouco afeitos à democracia e pelo crescente desrespeito à diferença que campeia pelo país, ataca as Universidades e ameaça a todos nós como cidadãos livres e portadores de direitos [...] (UFJF, 2018, grifos do texto).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das exposições apresentadas ao longo desse artigo é possível observar que ao longo da campanha para eleições presidenciais de 2018 no Brasil, a estratégia da equipe de Bolsonaro acabou por confundir as coligações que disputavam o pleito, em especial as de esquerda e centro esquerda. Enquanto por parte dos adversários podia-se notar a busca por um debate lógico, de propostas claras para a enfrentar a crise econômica entre outras pautas relacionadas com a administração pública, o discurso do candidato vencedor era composto por injúrias, ataques violentos, ódio e fake news, contanto para tanto com o aval de uma instituição de Estado, as Forças Armadas, ainda que não explicitamente.

A utilização de fontes primárias garantiu ao leitor a compreensão do discurso de ódio e violência, contextualizados pela revisão bibliográfica. Garantiu, também, que fosse conhecida do leitor os meandros do não-dito, com a participação dos militares no governo, a princípio com um candidato a vice-presidente e, posteriormente, com a ausência de manifestações contrárias ao discurso militarizado do presidencial.

É possível perceber a intencionalidade do discurso, que ganhou vulto com a ascensão da direita não apenas no Brasil, mas no mundo todo. A fala, potente ação, foi utilizada como meio de dicotomizar ainda mais o país e reduzir as possibilidades de consenso entre os cidadãos. Além disso, contribuiu para legitimar práticas racistas, machistas, preconceituosas e violentas.

Mesmo que na comunicação com as massas Bolsonaro tenha demonstrado desprezo pelas minorias, pelas mulheres, negros entre outros grupos, a justiça não o condenou pelos discursos de ódio. Essa permissividade pode ser interpretada pelos grupos neofascistas, neonazistas entre outros atos individuais como uma liberação para praticar atos de violência, mesmo que tal ordem ou fala não seja dita pelo presidencial.

Ressalte-se ainda que o discurso da campanha do PSL conseguiu juntar o apelo à família, à posse de arma, ao antipetismo e à ideia de mudança radical da sociedade brasileira. Esses discursos foram divulgados, em sua maioria, pelas redes sociais, fenômeno que contrariou a previsão, que afirmavam que os meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, seriam decisivos para a eleição. Também o apoio dos militares se consolidou virtualmente através de blogs, Twitter e Facebook - de oficiais da reserva, em especial. Enfim, Jair Bolsonaro conseguiu a grande maioria de seu apoio eleitoral veiculando suas ideias pelas redes sociais.

Nesses mesmos canais de comunicação, as manifestações contra e a favor dos presidenciais foram caracterizadas pelo que se convencionou chamar de Fake News, ou seja, mentiras. Essas mentiras somadas aos discursos a favor de armas e justiça segundo os (pré)conceitos de Jair Bolsonaro e a tensão provocada entre as candidaturas influenciou o movimento violento por alguns grupos políticos ou sociais ligados ou não ao apoio de algum candidato. Graças aos discursos performativos, Bolsonaro livrou-se da necessidade de dizer a verdade e assumiu uma postura que eleva à enésima potência a necessidade de verdade no discurso para sua validação.

As palavras e discursos usados na campanha de 2018 pelo candidato vencedor foram características de um discurso de ódio, que representava uma dimensão geral, em um contexto determinado e para ouvintes específicos, com fins e intenções claras. O que foi dito era o necessário para alcançar seus objetivos, ainda que baseados em mentiras, falácias, violência e ódio. O resultado é a perda de direitos das minorias, o aumento da violência e uma crise política e institucional constante no país todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, G. Quartéis se abrem para a campanha eleitoral de Bolsonaro. **El País**. Brasil, 22 outubro 2017. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/20/politica/1508513779_228341.html

Acesso em: 27 jul. 2020.

AMEAÇAS a gays e imagem de suástica são pichadas na UFJF. G1 17 outubro 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/10/17/ameacas-a-gays-e-imagem-de-suastica-sao-pichadas-na-ufjf.ghtml> Acesso em: 25 fev. 2019.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVRITZER, L. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.

BOND, L. Alto Comissariado da ONU condena violência durante eleições no Brasil. **Agência Brasil**. Brasília, 13 outubro 2018. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/alto-comissariado-da-onu-condena-violencia-durante-eleicoes-no-brasil> Acesso em: 03 fev. 2019.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção Política**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BOLSONARO critica cotas e nega dívida com negros: "não escravizei ninguém"... – UOL. São Paulo, 31 julho 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/31/bolsonaro-diz-que-pretende-reduzir-cotas-nunca-escravizei-ninguem.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 20 jan. 2019.

BOLSONARO é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. **VEJA**. São Paulo, 06 abril 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/> Acesso em: 03 fev. 2019.

CANOFRE, F. Juiz decide que Adélio Bispo tem transtorno mental e é inimputável. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 maio 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/juiz-decide-que-adelio-bispo-tem-transtorno-mental-e-e-inimputavel.shtml> Acesso em: 06 fev. 2019.

CARVALHO, L. M. **O cadete e o capitão**: A vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.

CINTRA, R. S. **O discurso do ódio sob uma teoria performativa da linguagem**. Monografia de conclusão de curso. PUC. São Paulo, 2012.

CORBELINI, J.; MOURA, M. **A eleição disruptiva**: Por que Bolsonaro venceu. Editora Record, 2019.

COSTA, M. R. C. **Carecas do Subúrbio**: Caminhos para o nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000.

COSTANTI, G. Violência política pró-Bolsonaro cresce após primeiro turno. **Carta Capital**. Caderno Política. 11 outubro 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/episodios-de-violencia-por-motivacoes-politicas-crescem-pos-primeiro-turno/> Acesso em: 25 fev. 2019.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução: Carlos Szlak. 1 ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

D'ARAÚJO, M. C.; CASTRO, C. (orgs.). **Ernesto Geisel**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

DIRETORIA de Análise de Políticas Públicas. Debate sobre violência pós 1º turno gera 2,7 milhões de tuítes. **Fundação Getúlio Vargas**. 12 outubro 2018. Disponível em: <https://observa2018.dapp.fgv.br/posts/debate-sobre-violencia-pos-primeiro-turno-gera-27-milhoes-de-tuites/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

DECLERCQ, M. Administradora do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro foi agredida no RJ. **Vice**. Caderno Política. 25 julho 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vbn7bx/administradora-do-grupo-mulheres-unidas-contra-bolsonaro-foi-agredida-no-rj Acesso em: 06 fev. 2019.

EM GOIANIA, Bolsonaro promete porte de arma de fogo para a população. **Tv Mais Goiás**. Goiás, 20 julho 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9m-3GDa4z4> Acesso em: 03 fev. 2019

FERRAZ, R. Bolsonaro tem papel de 'causar explosão' para permitir ação 'reparadora' de militares, diz antropólogo. **BBC**. 07 julho 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52926714>. Acesso em: 27 jul. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

IGREJA é pichada com símbolo da suástica nazista em Nova Friburgo, no RJ. **G1**. 14 outubro 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao->

serrana/noticia/2018/10/14/igreja-e-pichada-com-simbolo-da-suastica-nazista-em-nova-friburgo-no-rj.ghtml Acesso em: 25 fev. 2019.

JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**. 06 setembro 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml> Acesso: 06 fev. 2019.

KLEIN, C. “Bolsonaro é instrumento dos militares”. **Valor Econômico**. 03 junho 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/06/03/bolsonaro-e-instrumento-dos-militares.ghtml>. Acesso em jun. 2020. Acesso em: 03 jun. 2020.

LAGO, R.; LIMA, W.; FILGUEIRA, A. Bolsonaro, o candidato fake. **Revista Isto É**. 10 agosto 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-o-candidato-fake/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2018.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf> Acesso em: 10 jan. 2019.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

MORAES vê "grosseria" de Bolsonaro com quilombolas, mas rejeita denúncia. **UOL Notícias, São Paulo**, 11 setembro 2018. Disponível em: <https://videos.bol.uol.com.br/video/moraes-ve-grosseria-de-bolsonaro-com-quilombolas-mas-rejeita-denuncia-04024E9B3160D0A96326> Acesso em: 03 fev. 2019.

NEONAZISTAS ajudam a convocar "ato cívico" pró-Bolsonaro em São Paulo. **UOL Notícias**. São Paulo, 06 abril 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 25 fev. 2019.

NOGUEIRA, K. “Mau militar. Só não perdeu o posto de capitão por causa de um general amigo”, disse Jarbas Passarinho sobre Bolsonaro. **Diário do Centro do Mundo**. 19 setembro 2018. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/mau-militar-so-nao-perdeu-o-posto-de-capitao-por-causa-de-um-general-amigo-disse-jarbas-passarinho-sobre-bolsonaro/> Acesso em: 08 jun. 2020.

O QUE BOLSONARO já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. **El País**, Brasil. 28 outubro, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html Acesso em: 20 jan 2019.

PRAZERES, L. PSOL confirma que suspeito de esfaquear Bolsonaro foi filiado ao partido. **UOL Eleições 2018**. São Paulo, 06 setembro 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/06/psol-confirma-que-suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-partido.htm?cmpid=copiaecola>
Acesso em: 06 fev. 2019.

QUEIROGA, L. Mestre de capoeira é morto com 12 facadas após dizer que votou no PT, em Salvador. Extra. 08 outubro 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/mestre-de-capoeira-morto-com-12-facadas-apos-dizer-que-votou-no-pt-em-salvador-23139302.html> Acesso em: 25 fev. 2019.

QUIROGA, C. **Invasão positivista no marxismo**: manifestações no ensino da metodologia no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1991.

ROSA, A. B.; IRAHETA, D. 'Se PSDB era anti-PT, Bolsonaro é anti-PT ao quadrado', diz cientista político. **Huffpost**. Política. 11 setembro 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/14/se-psdb-era-anti-pt-bolsonaro-e-anti-pt-ao-quadrado-diz-cientista-politico_a_23560098/. Acesso em: 03 fev. 2019.

RUNCIMAN, D. **Como a democracia chega ao fim**. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Todavia, 2018.

SALEM, H. **As tribos do mal**: o neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Atual, 1995.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SCHWARCZ, L. M. **Autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SETO, G. Comunicação de Bolsonaro usa tática militar de ponta, diz especialista. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 agosto 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/comunicacao-de-bolsonaro-usa-tatica-militar-de-ponta-diz-especialista.shtml?origin=folha> Acesso em: 03 fev. 2019.

SINTONI, E. **Imaginário e Política**: o Golpe de 1964. Tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Divulgação do resultado das eleições 2018**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/votacao-e-resultados/resultados-eleicoes-2018> Acesso 25 fev. 2019.

UFJF. **Nota oficial**. Data: 17/10/2018. On-line. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/10/17/nota-oficial-11/> Acesso: 25 fev. 2019.

VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago, 2002.

Submetido: 13/09/2020

Aceito: 19/12/2021